

TECNOLOGIA E FÉ

A INFLUÊNCIA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NAS PRÁTICAS RELIGIOSAS

ÁLVARO LUÍS TAVARES PESSOA PINHO

Graduado, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

YOHANS DE OLIVEIRA ESTEVES

Doutor, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

Resumo: A crescente presença da inteligência artificial (IA) nas práticas religiosas está transformando a maneira como a fé é vivida e propagada, oferecendo novas formas de interação entre tecnologia e espiritualidade. Este estudo investiga o impacto da IA nas práticas religiosas, com foco em como a tecnologia afeta a experiência espiritual. A metodologia adotada foi qualitativa, com entrevistas semiestruturadas com líderes religiosos que utilizam IA na elaboração de sermões e lições bíblicas, além de membros das congregações. Também foi realizada uma revisão bibliográfica sobre os debates teológicos sobre o tema, com base em estudos recentes (2019-2024). Os resultados mostraram que os líderes religiosos consideram a IA útil para organizar atividades ministeriais, como criação de materiais e análise de textos bíblicos, mas hesitam em adotá-la devido à preocupação com a autenticidade da experiência espiritual. Questões éticas foram um ponto central, com destaque para a desumanização das práticas religiosas, a privacidade dos dados dos fiéis e a diminuição da autoridade espiritual dos líderes. A substituição de sabedoria intuitiva por algoritmos foi vista



como um risco, especialmente na exegese bíblica. Além disso, o uso da IA foi apontado como uma possível ameaça à profundidade da experiência espiritual, enfraquecendo o discernimento humano e a conexão com o texto sagrado. Apesar dessas preocupações, a pesquisa sugere que, se utilizada com responsabilidade, a IA pode otimizar tarefas administrativas e personalizar a experiência religiosa. A necessidade de regulamentação e diretrizes éticas claras foi enfatizada, garantindo que a tecnologia complemente, e não substitua, os aspectos humanos e espirituais da fé.

Palavras-chave: Espiritualidade. Inteligência Artificial. Práticas Religiosas.

Abstract: The growing presence of artificial intelligence (AI) in religious practices is transforming the way faith is experienced and propagated, offering new forms of interaction between technology and spirituality. This study investigates the impact of AI on religious practices, focusing on how technology affects the spiritual experience. The methodology adopted was qualitative, with semi-structured interviews with religious leaders who use AI in the development of sermons and biblical lessons, as well as with members of congregations. A bibliographical review of theological debates on the subject was also conducted, based on recent studies (2019-2024). The results showed that religious leaders consider AI useful for organizing ministerial activities, such as creating materials and analyzing biblical texts, but hesitate to adopt it due to concerns about the authenticity of the spiritual experience. Ethical issues were a central point, with a focus on the dehumanization of religious practices, the privacy of believers' data, and the diminishing authority of religious leaders. The replacement of intuitive wisdom by algorithms was seen as a risk, especially in biblical exegesis. Additionally, the use of AI was identified as a potential threat to the depth of the spiritual experience, weakening human discernment and connection with the sacred text. Despite these concerns, the research suggests that, if used responsibly, AI can optimize administrative tasks and



personalize the religious experience. The need for regulation and clear ethical guidelines was emphasized, ensuring that technology complements, rather than replaces, the human and spiritual aspects of faith.

Keywords: Spirituality. Artificial Intelligence. Religious Practices.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a Inteligência Artificial (IA) tem transformado diversos setores, inclusive o religioso. A IA, ao ser aplicada na preparação de sermões e estudos bíblicos, oferece novas formas de interação com os textos sagrados, aumentando a eficiência dos líderes religiosos. A tecnologia permite uma análise mais profunda das escrituras, oferecendo interpretações mais contextuais (Usmani; Happonen; Watada, 2024). Segundo Rangel e Mendes (2023), a IA já vem sendo utilizada por líderes religiosos para aprimorar o entendimento de passagens bíblicas. No entanto, essa prática levanta questionamentos sobre a possível substituição da intuição humana e da inspiração divina.

A integração da IA nas práticas religiosas levanta preocupações éticas, especialmente no que diz respeito à preservação da autenticidade da experiência espiritual. Ferramentas como chatbots e algoritmos de recomendação personalizam sermões e orientações espirituais (Garcia, 2021), mas até que ponto essas ferramentas mantêm o caráter sagrado e comunitário da fé? De acordo com Garcia (2021), a personalização excessiva pode desumanizar a prática religiosa, tornando-a mecânica. Portanto, é fundamental refletir sobre o equilíbrio entre a tradição religiosa e as novas tecnologias para garantir que a experiência espiritual permaneça genuína.

A introdução de ferramentas tecnológicas nas igrejas também modifica a dinâmica das congregações. Ferramentas de IA já estão sendo



utilizadas para otimizar a comunicação entre os membros e organizar eventos. Conforme Rangel e Mendes (2023), a IA facilita o engajamento dos fiéis, especialmente em tempos de distanciamento social. No entanto, ao mesmo tempo que essas tecnologias ampliam o alcance das igrejas, elas também geram desafios, como o risco de criar uma distância emocional entre os membros da congregação. Isso pode enfraquecer o senso de comunidade, que é central nas práticas religiosas tradicionais.

Além das questões éticas, surgem desafios teológicos, pois a IA pode interferir na forma como líderes religiosos interpretam textos sagrados. A exegese bíblica sempre foi um processo profundamente humano e inspirado, e a introdução da IA pode mudar isso. Segundo Gripp (2024), há um temor entre os teólogos de que as ferramentas de IA tragam interpretações automatizadas, que carecem do discernimento espiritual. Dessa forma, ao adotar a IA, as igrejas devem garantir que a interpretação teológica preserve o caráter intuitivo e inspirado da fé.

Diante desses desafios, a presente pesquisa busca responder: Como a IA tem sido integrada às práticas religiosas, respeitando os princípios éticos e teológicos, e como isso pode ampliar ou limitar a experiência espiritual dos fiéis? Essa questão é central para compreender as implicações do uso da IA na espiritualidade e propor diretrizes para sua adoção de forma ética e consciente. A análise dessas questões é relevante para o avanço da discussão sobre tecnologia e fé.

A justificativa para este estudo se baseia na crescente adoção de IA em práticas religiosas, uma inovação que desafia as tradições espirituais centradas na intuição e inspiração humana. Dado o impacto potencial da IA na forma como líderes religiosos preparam sermões e interpretam textos sagrados, além de sua influência na dinâmica comunitária das congregações, esta pesquisa é essencial para entender essas mudanças. A



relevância do tema é evidente, pois a tecnologia levanta questões éticas e teológicas ainda pouco exploradas, especialmente no contexto brasileiro.

Do ponto de vista acadêmico, este estudo busca preencher uma lacuna na literatura ao analisar o impacto da IA no campo religioso, contribuindo para o desenvolvimento de diretrizes que garantam uma integração responsável dessa tecnologia. Ao abordar tanto as perspectivas dos líderes religiosos quanto as dos membros das congregações, a pesquisa proporciona uma visão ampla sobre as implicações práticas da IA ajudando a preservar a autenticidade da experiência espiritual em um mundo digital.

Desse modo, o objetivo geral deste estudo é investigar o impacto da IA nas práticas religiosas, com foco em como essa tecnologia afeta a experiência espiritual. E como objetivos específicos é analisar as ferramentas de IA utilizadas nas práticas religiosas e seu impacto na dinâmica das congregações; verificar os desafios éticos e teológicos relacionados ao uso da IA nas igrejas; e se preciso propor diretrizes para a integração responsável da IA nas práticas religiosas, respeitando os valores da fé cristã.

A metodologia adotada foi qualitativa, com a realização de entrevistas semiestruturadas. Foram entrevistados líderes religiosos que utilizavam ferramentas de IA na elaboração de sermões e lições bíblicas, além de membros das congregações. As entrevistas foram analisadas com base na técnica de análise de conteúdo. O foco foi compreender as percepções sobre o impacto da IA, tanto do ponto de vista teológico quanto da experiência comunitária. As respostas obtidas foram analisadas por meio da técnica de análise de conteúdo, que permitiu categorizar e interpretar as respostas a partir dos temas emergentes. Esse processo permitiu uma compreensão detalhada e aprofundada sobre as percepções



dos entrevistados, considerando tanto o impacto teológico quanto a experiência comunitária.

Além das entrevistas, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre os debates teológicos envolvendo o uso da IA nas práticas religiosas, com foco nos estudos publicados entre 2019 e 2024. A revisão bibliográfica serviu para embasar teoricamente a pesquisa e para contextualizar as respostas obtidas, além de contribuir para a reflexão acadêmica sobre as implicações da IA nas práticas religiosas.

2 INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL APLICADA À RELIGIÃO

A IA tem se expandido para diversas esferas, incluindo o campo religioso. A IA transforma práticas religiosas ao facilitar o acesso a textos sagrados e cerimônias, além de proporcionar experiências personalizadas. Esse avanço levanta questões sobre a autenticidade espiritual e a mediação da fé por meio da tecnologia (Souza, 2021).

Um exemplo significativo de sua aplicação é o desenvolvimento de assistentes virtuais para a educação religiosa. O aplicativo "Ask the Rabbi" usa IA para responder, em tempo real, a questões sobre o judaísmo. Embora isso acelere as consultas religiosas, críticos argumentam que a automação não pode substituir a sabedoria humana, que é rica em nuances espirituais e morais. No entanto, a IA promete revolucionar a forma de compartilhar o conhecimento religioso (Souza, 2021).

As práticas religiosas também estão sendo impactadas pela IA, especialmente em liturgias e rituais. Algumas igrejas passaram a utilizar IA para cerimônias remotas, uma tendência que se intensificou durante a pandemia, gerando debates sobre a autenticidade da experiência espiritual mediada pela tecnologia. Algoritmos de IA, por exemplo,



analisam comportamentos religiosos, como a frequência aos cultos e as doações, o que levanta preocupações éticas sobre privacidade e a comercialização da fé, especialmente no que diz respeito ao consentimento dos fiéis (Redaweb, 2021).

O uso da IA na religião não se limita ao cristianismo ou judaísmo. Em tradições orientais, como o budismo, robôs-monges têm sido criados para oferecer conselhos espirituais. Essa inovação é vista com desconfiança por alguns praticantes tradicionais, enquanto outros celebram a democratização do conhecimento espiritual, embora a presença de "monges robôs" levante questões profundas sobre a mediação do sagrado (Parreira, Oliveira, 2023).

A IA na teologia explora temas complexos, como a análise de textos sagrados para encontrar padrões linguísticos, ampliando as interpretações religiosas e desafiando a visão tradicional da revelação divina. A integração da IA na religião também gera preocupações sobre o impacto no clero. Enquanto alguns temem a desvalorização do papel dos líderes religiosos, outros veem a IA como uma ferramenta que pode aliviar suas tarefas (Parreira, Oliveira, 2023).

Além disso, a IA altera a compreensão da espiritualidade, assistentes virtuais sofisticados podem enriquecer ou desumanizar a experiência religiosa, transformando a fé em interações digitais. A IA também é utilizada para criar experiências de realidade aumentada e virtual, permitindo que os fiéis "visitem" locais sagrados sem sair de casa, o que levanta questões sobre a genuinidade dessas experiências (Evans, 2021).

Outro aspecto importante é o uso da IA para traduzir textos religiosos. Aplicativos como o Google Translate têm sido aprimorados para fornecer traduções mais precisas de textos sagrados, facilitando o acesso e



democratizando o conhecimento religioso. No entanto, ainda existem limitações na precisão e nuances culturais que a IA pode não captar completamente (Hendy et al., 2023). Programas de meditação personalizados criados por IA ajudam na introspecção e paz espiritual, oferecendo práticas espirituais flexíveis sem a necessidade de instituições formais. No contexto do islamismo, a IA facilita práticas religiosas, como alertas de horários de oração e ajuda na recitação do Alcorão, mas teólogos alertam para a dependência excessiva da tecnologia (Hendy et al., 2023).

O uso da IA na confissão religiosa tem provocado debates. Algumas igrejas experimentaram confessionários automatizados, mas muitos líderes questionam se um algoritmo pode proporcionar o mesmo conforto de um confessor humano. Além disso, a IA desempenha um papel importante na disseminação de mensagens religiosas por meio de algoritmos de recomendação, ampliando o alcance das comunidades religiosas, mas levantando preocupações sobre a comercialização da fé (Arão, 2024).

O debate sobre a ética da IA na religião permanece aberto. Temores sobre a manipulação da fé e a disseminação de mensagens sob controle de governos ou corporações levantam questões sobre o uso da IA como ferramenta de controle e censura. O uso de IA na preservação do patrimônio religioso está em expansão. Arquivos e manuscritos religiosos são digitalizados e preservados com a ajuda da IA assegurando o acesso a esses recursos para futuras gerações (Souza, 2021).

2.1 PRÁTICAS RELIGIOSAS E O USO DA IA

O uso de IA na mediação da fé levanta debates sobre os limites entre a vivência religiosa digital e a experiência espiritual direta, suscitando reflexões sobre o papel da tecnologia na fé genuína. Os "monges-robôs" em templos budistas no Japão, que realizam rituais e oferecem conselhos,



são um exemplo disso. Embora essa inovação seja aceita por alguns, muitos questionam se a interação com uma máquina pode substituir a conexão espiritual humana. A presença da IA em funções tradicionalmente humanas desafia a percepção de sacralidade nas práticas religiosas (Gripp, 2024).

A IA também auxilia líderes religiosos na preparação de sermões e estudos bíblicos. Aplicativos como Sermonary e Logos Bible Software analisam passagens bíblicas para fornecer insights contextuais, potencializando as mensagens. Contudo, essa automatização levanta preocupações sobre a diminuição da intuição e inspiração espiritual dos líderes religiosos. Além disso, plataformas de IA personalizam a experiência dos fiéis em igrejas, enviando mensagens adaptadas às preferências dos membros, o que pode aumentar o engajamento (Silva; Faustino, 2024).

A IA também é utilizada para analisar dados que preveem tendências, monitorando comportamentos dos fiéis, como frequência a cultos e doações, para prever padrões futuros, levantando questões éticas sobre vigilância e o uso de dados pessoais na moldagem de experiências religiosas (Gripp, 2024).

A disseminação de mensagens religiosas em plataformas digitais é facilitada pela IA, com algoritmos que sugerem sermões e textos religiosos com base nos interesses dos usuários embora isso amplie o alcance, pode resultar na perda de controle das igrejas sobre suas comunicações, gerando dependência das plataformas tecnológicas. A IA democratiza a educação religiosa, com chatbots teológicos que explicam passagens complexas, onde essas tecnologias facilitam o acesso ao conhecimento religioso, mas podem diluir a profundidade dos ensinamentos (Silva; Faustino, 2024).



O uso da IA em confissões religiosas gerou debates, com algumas igrejas implementando confessionários automatizados. Essa abordagem é vista como prática para aliviar a carga dos líderes, mas muitos duvidam que a IA possa oferecer o conforto essencial à confissão tradicional (Rangel; Mendes, 2023).

A preservação do patrimônio religioso também é um campo inovador para a IA, com a digitalização de textos sagrados e manuscritos antigos, assegurando que o conhecimento seja preservado para futuras gerações. Contudo, isso levanta preocupações sobre a dependência da tecnologia na conservação de tradições que historicamente foram transmitidas de forma oral (Barcaui, 2024).

Além disso, a IA pode criar espaços religiosos virtuais, permitindo que os fiéis "visitem" locais sagrados sem sair de casa, desafiando a noção de que a fé deve ser vivida em um contexto físico. A IA também é utilizada em práticas espirituais individuais, como aplicativos de meditação que oferecem meditações guiadas. Há um debate sobre se essas práticas digitais podem oferecer os mesmos benefícios espirituais que uma prática mais tradicional (Brochado, 2023).

No contexto do islamismo, a IA tem sido utilizada para facilitar a prática religiosa, como por meio de aplicativos que alertam sobre os horários de oração. Essas ferramentas são amplamente aceitas, mas levantam discussões sobre a interferência da tecnologia na espiritualidade pessoal. Da mesma forma, a IA tem sido adotada para novas formas de evangelização digital, com igrejas criando campanhas publicitárias direcionadas em plataformas de mídia social para atrair novos membros. Esse uso da tecnologia provoca debates sobre a comercialização da fé e a crescente dependência de plataformas seculares para a divulgação dos ensinamentos religiosos (Rangel; Mendes, 2023).



2.2 DESAFIOS E DILEMAS ÉTICOS

O uso de IA nas práticas religiosas levanta uma série de desafios éticos e dilemas sobre a autenticidade da experiência espiritual, a privacidade dos fiéis e o impacto na autonomia da liderança religiosa. Brochado (2023) destacam que, embora a IA possa fornecer uma forma de acesso mais rápido e prático ao conhecimento religioso, ela pode também desumanizar aspectos fundamentais da fé. Para os autores, a experiência religiosa, tradicionalmente mediada por líderes espirituais humanos, pode se tornar algo mais automatizado e impessoal, afastando os fiéis das conexões emocionais e espirituais que são essenciais para a prática religiosa autêntica. A automatização da espiritualidade, ao transformar rituais e ensinamentos em processos algorítmicos, corre o risco de reduzir a religiosidade a uma experiência superficial, sem profundidade emocional.

Outro grande dilema ético está relacionado à privacidade dos dados dos fiéis. A coleta de informações sobre as atividades religiosas, como a frequência aos cultos, doações, preferências de sermões e outras interações, pode ser usada para personalizar conteúdo ou até mesmo para manipular comportamentos. Contudo, o uso desses dados levanta questões sobre o consentimento informado e a exploração comercial dessas informações. Como aponta Parreira, Oliveira, 2023 “a privacidade religiosa é um direito fundamental”, e os dados sensíveis sobre crenças podem ser utilizados de maneiras que não estão em conformidade com os princípios éticos da religião, onde a falta de regulamentação sobre como esses dados são coletados pode colocar em risco a confiança entre líderes religiosos e seus seguidores.

A dependência de sistemas de IA para a mediação de serviços espirituais pode diminuir o papel central dos líderes religiosos nas



comunidades de fé. A liderança religiosa, historicamente baseada no discernimento humano, pode ser substituída por respostas automatizadas, criadas por algoritmos. Esse processo enfraquece a autoridade espiritual dos líderes, gerando distanciamento entre as pessoas e as práticas religiosas vividas no contexto comunitário. O uso de IA como mediador da fé também coloca em risco a autenticidade das experiências espirituais, uma vez que a IA não tem a capacidade de compreender o sofrimento humano ou a complexidade emocional dos fiéis (Garcia, 2021).

O conceito de "autenticidade religiosa" também é uma questão central. À medida que a IA se torna mais integrada nas práticas espirituais, a linha entre o que é considerado genuíno ou "autêntico" e o que é mediado por tecnologia torna-se cada vez mais tênue. Para muitos líderes religiosos e teólogos, a fé deve ser uma experiência vivida, algo que não pode ser plenamente reproduzido ou sintetizado por um sistema artificial. Como ressaltam Johnson e Garcia (2021), "a fé não é uma mercadoria que pode ser consumida digitalmente", e a substituição de experiências espirituais genuínas por versões digitais poderia resultar na perda de um componente essencial da vivência religiosa: a transformação pessoal.

Além disso, a ética do uso da IA na religião envolve questões de controle e manipulação. As grandes empresas de tecnologia que desenvolvem as ferramentas de IA e as plataformas religiosas digitais podem exercer uma influência significativa sobre as doutrinas e práticas de diversas religiões. Isso pode levar à criação de uma "fé personalizada", onde as escolhas espirituais dos indivíduos são orientadas por algoritmos que priorizam a produção de conteúdo mais popular ou lucrativo, ao invés de um conteúdo mais fiel aos ensinamentos tradicionais da religião (Barcaui, 2024).



Barcaui (2024) aponta que, ao substituir interações pessoais por tecnologias de IA, os fiéis podem se distanciar da comunidade religiosa e de suas práticas espirituais. Embora a IA possa facilitar o acesso à religião, também pode desumanizar a experiência religiosa, fazendo com que os fiéis confiem mais nas máquinas do que em seus líderes espirituais e nas interações pessoais dentro da comunidade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, apresentam-se os resultados obtidos nas entrevistas realizadas com líderes religiosos e membros da congregação, analisados com base na técnica de análise de conteúdo. Os dados foram interpretados à luz da literatura relevante, permitindo compreender o impacto da IA nas práticas religiosas, com foco nos aspectos teológicos, comunitários e éticos.

3.1 PERCEPÇÕES SOBRE O USO DA IA

O estudo contou com a participação de líderes religiosos e membros de congregações majoritariamente protestantes, representando um recorte diverso de cargos e funções, como pastores, diaconisas, diáconos e líderes de departamentos. Entre os líderes religiosos, participaram 10 respondentes, sendo 4 pastores, 2 diaconisas, 1 diácono, 1 líder de departamento, 1 professora da Escola Bíblica Dominical (EBD) e 1 líder geral. Quanto ao tempo de atuação, a maioria possuía entre 11 a 20 anos de experiência (5 participantes), enquanto outros estavam na faixa de 1 a 5 anos (3 participantes) ou com mais de 20 anos de atuação (2 participantes). Essa diversidade garantiu uma visão ampla sobre as percepções da integração da IA.

Entre os membros da congregação, todos se identificaram como ativos, refletindo envolvimento direto com as práticas religiosas. Em termos



de familiaridade com tecnologia e IA, as respostas variaram de "muito familiar" (1 participante) a "familiar" (6 participantes), com ênfase na abertura para incorporação da IA, ainda que moderada, evidenciando um nível de aceitação equilibrado. Quanto à receptividade, 3 participantes afirmaram estar totalmente abertos, 5 se mostraram moderadamente abertos e 2 revelaram-se pouco abertos à adoção dessa tecnologia nas práticas religiosas.

Os respondentes expressaram diferentes graus de utilização da IA, com ênfase em aplicações práticas e específicas no contexto religioso. Alguns relataram já utilizar a tecnologia como suporte em atividades ministeriais, enquanto outros demonstraram pouco ou nenhum contato direto com ferramentas avançadas. Respostas como "Utilizo muito pouco. Apenas para ajudar a encontrar citações bíblicas ou referências geográficas e históricas" e "Faço uso de IA para criação de imagens bíblicas para slides para EBD" destacam o papel da IA em tarefas administrativas e didáticas, ilustrando uma aplicação mais instrumental do que estratégica.

A literatura sobre o impacto da IA nas práticas religiosas destaca tanto seus benefícios quanto críticas. Silva e Faustino (2024) apontam que a IA pode melhorar a análise de textos sagrados e o planejamento de sermões, facilitando o entendimento histórico e cultural. Ferramentas como Logos Bible Software e Sermonary ajudam na exegese e personalização das mensagens.

Por outro lado, Gripp (2024) alerta que o uso excessivo da IA pode desvalorizar a intuição espiritual, enquanto Ward (2023) destaca o risco de tornar a pregação impessoal. Garcia (2021) levanta preocupações sobre a IA afetar a interpretação bíblica, desconsiderando o discernimento humano e as nuances espirituais. Hendy et al., (2024) também enfatiza que a IA deve



ser usada com cautela para evitar a perda da criatividade e do engajamento humano nas práticas religiosas.

3.2 IMPACTO NA DINÂMICA COMUNITÁRIA

A relação entre tecnologia e comunidade religiosa gerou respostas divergentes, revelando uma dualidade nas percepções sobre o impacto da IA nas práticas religiosas. Alguns participantes destacaram o potencial positivo da tecnologia, como ilustrado pela declaração: "Ajuda a compreender as Escrituras nos seus textos originais." Esse grupo enfatizou que a IA pode enriquecer a compreensão das Escrituras e facilitar o engajamento da congregação, especialmente ao oferecer novas formas de explorar o contexto histórico e cultural dos textos sagrados. Essa perspectiva está alinhada com Rangel e Mendes (2023), que aponta que a IA pode democratizar o acesso ao conhecimento religioso, permitindo que mais pessoas interajam com as tradições de fé de maneira informada e acessível.

Por outro lado, alguns participantes observaram limitações claras no impacto da IA, associadas à baixa familiaridade tecnológica: "O impacto na comunidade ainda é muito pouco, devido ao nível de conhecimento sobre a ferramenta." Essa percepção ressalta os desafios práticos enfrentados por comunidades religiosas menos tecnologicamente preparadas, ecoando as preocupações de Hendy et al., (2024) sobre a possibilidade de a tecnologia exacerbar desigualdades no acesso à espiritualidade e criar barreiras para aqueles que não dominam as ferramentas tecnológicas.

A preservação da interação humana emergiu como uma questão central nas respostas. Declarações como "Nada, na minha opinião, substituiu o abraço, o toque, o olho no olho" refletem um valor fundamental da experiência comunitária: a conexão pessoal. Essa visão encontra eco nas



críticas de Arão (2023), que alerta para a desumanização potencial das práticas religiosas quando mediadas excessivamente pela tecnologia. Segundo o autor, a fé é essencialmente uma experiência relacional, vivida por meio de interações humanas autênticas que a tecnologia, por mais avançada que seja, não consegue reproduzir plenamente.

Além disso, Arão (2023) enfatiza que a adoção descontextualizada da IA pode enfraquecer o senso de comunidade, transformando práticas coletivas, como cultos e reuniões de oração, em interações digitalizadas que carecem de profundidade emocional. Esse risco é intensificado quando a tecnologia é usada como substituto, e não como complemento, às interações humanas.

Embora a IA tenha o potencial de enriquecer as práticas religiosas e expandir o alcance das comunidades de fé, as preocupações com a desumanização e o enfraquecimento das conexões interpessoais apontam para a necessidade de um uso cuidadoso e contextualizado. A integração da tecnologia deve respeitar o aspecto relacional da fé, assegurando que a essência comunitária das práticas religiosas seja preservada.

3.3 DESAFIOS ÉTICOS E TEOLÓGICOS

Questões éticas emergiram como um tema central nas respostas dos participantes, especialmente no que diz respeito ao uso irresponsável da IA. Alguns participantes alertaram para os perigos da utilização sem limites, como evidenciado pela declaração: "O desafio é exatamente o ético, pois pessoas sem caráter e preguiçosas estão usando de forma engajada sem limites." Este comentário reflete a preocupação de que a IA, se não for usada com discernimento, pode ser mal aplicada, prejudicando a profundidade das práticas religiosas. Outros destacaram a necessidade de moderação, com um alerta importante: "Não trocar a intimidade pela



praticidade." Essa frase sublinha a tensão entre a conveniência que a tecnologia pode trazer e a preservação de valores espirituais fundamentais, como a intimidade com Deus e a experiência direta da fé, que não podem ser substituídas por ferramentas automáticas.

Essas preocupações são apoiadas na literatura, como no estudo de Parreira e Oliveira (2023), que discute as implicações éticas da coleta de dados religiosos sensíveis, podendo comprometer a confiança dos fiéis nas instituições religiosas. A privacidade dos dados, portanto, se torna crucial para a relação entre líderes religiosos e congregações.

Os participantes também expressaram preocupações sobre o impacto da IA na autoridade espiritual dos líderes religiosos. A substituição da sabedoria intuitiva por algoritmos levanta questões sobre a validade da liderança espiritual. Rangel e Mendes (2023) também destacam o risco de que a dependência da IA desvalorize o discernimento humano, enfraquecendo a autenticidade da orientação espiritual.

Além disso, os líderes temem que a IA comprometa a profundidade da experiência espiritual. Um participante disse: "O uso de IA deve ser feito com responsabilidade e prudência." Isso reforça a necessidade de equilíbrio entre tecnologia e experiência espiritual genuína. A possibilidade de a IA substituir o estudo bíblico manual ou até a inspiração divina foi citada como um risco significativo, alinhando-se com os argumentos de Gripp (2024), que enfatiza que a exegese bíblica sempre foi um processo humano, inspirado pelo Espírito Santo, e a IA pode diluir essa experiência espiritual e enfraquecer a relação com o texto sagrado.

3.4 EXPECTATIVAS FUTURAS E DIRETRIZES



Ao projetar o futuro da IA nas práticas religiosas, as respostas dos participantes revelaram uma divisão entre otimismo cauteloso e preocupação com a possível perda da essência comunitária. Um participante expressou uma visão mais positiva, afirmando: "Se souber usar, será uma bênção." Essa perspectiva reconhece o potencial da IA para melhorar certas práticas religiosas, como a disseminação de conhecimento e a personalização de sermões, desde que usada de forma cuidadosa e controlada. No entanto, outro participante compartilhou uma preocupação significativa: "Meu medo é a igreja não se preparar e ser engolida pela tecnologia ao ponto de perder a sua essência como igreja." Essa visão alerta para o risco de que a tecnologia, se não for gerida com discernimento, possa transformar as práticas religiosas, diluindo o papel das interações humanas e da espiritualidade comunitária, fundamentais na vivência da fé.

Essa tensão entre inovação e preservação da tradição reflete os debates amplamente discutidos na literatura. Rangel e Mendes (2023), por exemplo, discute o potencial transformador da IA, que pode oferecer novas formas de alcançar e engajar os fiéis, mas também adverte para a necessidade de um equilíbrio saudável entre a inovação tecnológica e as tradições religiosas estabelecidas. A utilização da IA, segundo Silva (2024), deve ser feita com cautela, para que não enfraqueça a experiência comunitária e espiritual das igrejas, aspectos que são essenciais para a autenticidade da prática religiosa.

Diretrizes sugeridas pelos participantes, como "o uso moderado da tecnologia e a preservação da ação do Espírito Santo", também estão em consonância com as preocupações expressas por Silva (2024), que enfatiza que a integração ética da IA nas práticas religiosas é crucial para evitar a mercantilização e despersonalização da fé. Segundo Simpson, quando as



ferramentas tecnológicas são usadas sem a devida consideração dos valores espirituais fundamentais, elas podem transformar a fé em um produto, gerando uma abordagem mais superficial e comercializada das práticas religiosas. Nesse contexto, a IA deve ser encarada como uma ferramenta de suporte, ajudando na organização e na disseminação da fé, mas nunca substituindo a experiência espiritual genuína, que depende da ação do Espírito Santo e da conexão pessoal entre os membros da congregação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo investigar o impacto da inteligência artificial (IA) nas práticas religiosas, com foco nas percepções de líderes religiosos e membros de congregações sobre os benefícios e desafios éticos, teológicos e comunitários dessa tecnologia emergente. A análise dos dados coletados a partir de entrevistas semiestruturadas revelou uma diversidade de opiniões sobre a integração da IA nas atividades e práticas religiosas, refletindo tanto o potencial de inovação quanto as preocupações relacionadas à preservação dos valores espirituais e comunitários.

Primeiramente, os resultados demonstraram que a IA é vista por muitos líderes religiosos como uma ferramenta útil, especialmente para a organização e otimização de atividades ministeriais, como a criação de materiais didáticos e a análise de textos bíblicos. A aplicação da tecnologia foi descrita como uma maneira de enriquecer o entendimento das Escrituras, com destaque para a análise contextual de passagens bíblicas, o que corrobora a ideia de que a IA pode facilitar o acesso e o entendimento das tradições religiosas. No entanto, apesar do potencial reconhecido, observou-se também que muitos participantes ainda não utilizam a IA de



forma extensiva, seja por falta de familiaridade com as ferramentas, seja pela hesitação em adotar tecnologias que possam afetar a autenticidade da experiência espiritual.

A questão ética foi um dos pontos centrais do estudo, com diversos participantes alertando para os riscos de uso irresponsável da IA. Os receios estavam principalmente ligados à desumanização das práticas religiosas, à privacidade dos dados dos fiéis e à possível diminuição da autoridade espiritual dos líderes religiosos. A coleta de informações pessoais sobre práticas e crenças religiosas pode, se não for gerida com responsabilidade, comprometer a confiança dos fiéis nas instituições religiosas. A privacidade dos dados torna-se, assim, uma questão crítica, com implicações diretas para a relação entre líderes religiosos e suas congregações. Além disso, os participantes expressaram preocupações teológicas sobre o impacto da IA na autoridade espiritual dos líderes religiosos. A substituição da sabedoria intuitiva e da orientação inspirada por algoritmos levanta questões sobre a validade da liderança espiritual. A utilização de IA para substituir, por exemplo, a exegese bíblica, foi citada como uma preocupação significativa, pois pode desvalorizar o papel do discernimento humano nas práticas religiosas, enfraquecendo a autoridade e a autenticidade da orientação espiritual oferecida pelos líderes religiosos.

Os líderes entrevistados também expressaram receio de que o uso da IA comprometa a profundidade da experiência espiritual. O uso de IA deve ser feito com responsabilidade e prudência, pois há o risco de a tecnologia substituir o estudo bíblico manual ou até mesmo a inspiração divina. Esse receio está relacionado à preservação do caráter intuitivo e inspirado da exegese bíblica, um processo profundamente humano que depende da ação do Espírito Santo. O uso de IA para realizar essas tarefas pode, assim,



diluir a experiência de discernimento espiritual e enfraquecer a relação direta do fiel com o texto sagrado.

Portanto, as preocupações éticas e teológicas apontadas pelos participantes refletem a necessidade urgente de encontrar um equilíbrio no uso da IA, de modo que as ferramentas tecnológicas complementem, e não substituam, os aspectos mais profundos e humanos da fé. O uso responsável da IA deve garantir que os valores espirituais e o discernimento humano sejam preservados, evitando que a tecnologia comprometa a autenticidade da experiência religiosa.

Em termos de perspectivas futuras, os dados indicam que, se utilizada com moderação e responsabilidade, a IA tem o potencial de contribuir positivamente para as práticas religiosas, especialmente ao otimizar tarefas administrativas, aumentar a acessibilidade ao conteúdo religioso e personalizar a experiência dos fiéis. No entanto, o uso da IA deve ser cuidadosamente regulamentado para evitar que a tecnologia substitua os aspectos espirituais e humanos essenciais à vivência religiosa.

Esta pesquisa contribui para o entendimento de como a IA pode impactar as práticas religiosas, oferecendo uma perspectiva ampla sobre as percepções de líderes religiosos e membros de congregações em relação à tecnologia. Além disso, o estudo também aponta para a necessidade de diretrizes éticas claras que orientem a utilização responsável da IA nas igrejas, garantindo que as inovações tecnológicas complementem as práticas religiosas sem desvirtuar os valores espirituais. No entanto, a pesquisa possui algumas limitações, como o tamanho da amostra, que pode não ser representativo de todas as tradições religiosas ou de todas as realidades das igrejas, especialmente em contextos mais conservadores ou em comunidades com menor acesso a tecnologias. A profundidade da



análise poderia ser ampliada com um número maior de participantes e uma maior diversidade de denominações religiosas.

Futuras pesquisas podem expandir a amostra, incluindo diferentes tradições religiosas, especialmente no contexto de igrejas mais tradicionais ou de minorias religiosas, para observar como a IA é recebida em contextos diversos. Além disso, seria interessante explorar as implicações da IA nas práticas espirituais individuais, como a oração e a meditação, além das atividades comunitárias. A criação de diretrizes mais detalhadas e específicas sobre o uso ético da IA nas igrejas também seria uma área importante de estudo, considerando os desafios éticos e teológicos mencionados pelos participantes.

REFERÊNCIAS

ARÃO, C. Por trás da inteligência artificial: uma análise das bases epistemológicas do aprendizado de máquina. *Trans/Form/Ação*, v.47, n.3, 2024.

BARCAUI, A. Inteligência Artificial: Oportunidades e Desafios para a Igreja. *Revista Adventista*, v.10, n.6, 2023.

BROCHADO, M. Inteligência artificial e ética: Um diálogo com Lima Vaz. *Kriterion*, v.6, n. 154, 2023.

EVANS, D. *The future of faith in an age of artificial intelligence*. Oxford: Oxford University Press, 2021.

GARCIA, Carlos Lema. *Internet e Evangelho as tecnologias digitais e a vida cristã*. Lorena: Cleofas, 2021.

GRIPP, Andréia. Desafios, caminhos e perspectivas para a evangelização na cultura digital. PUCRIO. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/60838/60838.PDF>. Acesso em: 12 out. 2024.

HENDY, A, et al. Quão bons são os modelos GPT na tradução automática?



Uma avaliação abrangente. Arxiv, v. 1.n.10, 2023. Disponível em: [2302.09210v1] Quão bons são os modelos GPT na tradução automática? Uma avaliação abrangente. Acesso em: 12 nov.2024.

PARREIRA, A; OLIVEIRA, M. O desafio das tecnologias de inteligência artificial na Educação: percepção e avaliação dos professores. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 27, n. 104, p. 975-999, 2023.

RANGEL, R; MENDES, R. A evangelização e as novas ferramentas digitais: os perigos no uso das ferramentas e bases de conhecimento com tecnologias em inteligência artificial (ia) na busca de informações. Caderno Intersaberes, v.12, n.43, 2023.

REDAWEB. Inteligência artificial impulsiona as redes sociais. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.redaweb.com.br/posts/inteligencia-artificial-impulsiona-as-redes-sociais>. Acesso em: 30 out. 2024.

SILVA, A. Inteligência Artificial e evangelização: perspectivas no processo de compartilhamento dos dados da fé. Encontros Teológicos, v.39, n.1, p.15-34, 2024.

SOUZA, T. Inteligência artificial aplicada ao proselitismo religioso: Desenvolvimento de solução de deep learning para a realização de atividades missionárias em redes sociais. Revista Brasileira de Direito e Religião, v.2, n.1, 2021.

USMANI, Usman; HAPPONEN, Ari; WATADA, Junzo. The Digital Age: Exploring the Intersection of AI/CI and Human. Procedia Computer Science, v.4, n. 239, p.1044–1052, 2024.

